

Saci Pererê

Resumo

Manifesto ou declaração de princípios do grupo envolvido na construção do Clubinho Experimental Saci Pererê. O clubinho, que funcionou entre 1978 e 1979 em espaço cedido para esse fim na Cité Universitaire, foi uma experiência destinada às crianças exiladas com seus pais na França, todos militantes de organizações de esquerda, para contato com a cultura brasileira e as coisas do Brasil. As ações propostas pelo grupo eram marcadas pelo experimentalismo e pelo afeto, e tinham como base a relação entre arte e educação, valendo-se das diferentes formações e bagagens de vida dos integrantes do grupo. Saci Pererê. Paris, 10 de março de 1979. Assinado por Glória Araújo Ferreira, Marinho Celestino, Marisa Celestino, Naruna Andrade, Rui Fratti, Rute Queiroz, Sandra Regina Silva, Vera Sílvia Araújo Magalhães, Maria Helena Guinle.

Palavras-chave

Exílio. Criança. Cultura brasileira. Arte. Educação.

Abstract

Manifesto or declaration of principles of the group involved in the creation of the Saci Pererê Experimental Club. The club, which operated between 1978 and 1979 in a space provided for that purpose in the Cité Universitaire, was an experiment focusing on children exiled in France with their parents, all militants of left-wing organizations, to contact with Brazilian culture and elements. The group's projects featured experimentalism and care based on the relationship between art and education and the different past experiences of the group's members. Saci Pererê. Paris, March 10, 1979. Signed by Glória Araújo Ferreira, Marinho Celestino, Marisa Celestino, Naruna Andrade, Rui Fratti, Rute Queiroz, Sandra Regina Silva, Vera Sílvia Araújo Magalhães and Maria Helena Guinle.

Keywords

Exile. Child. Brazilian culture. Art. Education.

Paris, 10 de março de 1979

Crianças brasileiras no exílio. Dificuldades específicas de integração na sociedade onde estão inseridas, dificuldades específicas de reconhecimento dos dois ou mais mundos (línguas, costumes) que fizeram ou fazem parte de sua vivência. Seu caminho foi o mesmo do contingente de exilados: regra geral, Inglaterra, Chile, Argentina, Suécia e Dinamarca e, desde alguns anos, especificamente a França. É gritante o choque entre a realidade familiar dessas crianças (em casa se come feijoada, se fala português, se dança samba) e seu universo social, representado pela escola (é a vez do francês como idioma, do camembert e do “Clair de la Lune”).

Foi a partir da constatação desses fatos que, em janeiro de 78, um grupo de exilados brasileiros – das mais diversas profissões – formou um clubinho experimental. Objetivo principal: reunir uma vez por semana as crianças brasileiras residentes em Paris para que elas mesmas, sem a cotidiana interferência paterna, tivessem um contato com os elementos do mundo infantil brasileiro. Até então, a fantasia dessas crianças estava restrita ao sol, à praia, aos avós, ao carnaval, i. e., nada mais era do que o reflexo da ansiedade de seus pais em relação ao Brasil. Um Brasil muito bonito, por longínquo, mas um Brasil muito mau, por impenetrável.

Esse clubinho, o Saci Pererê, chegava para tornar possível a elaboração dos desejos, ansiedades e angústias das crianças em relação ao Brasil. A “ordem” era brincar de Brasil e, através de teatro, música, cerâmica, muita tinta e papel, se tornaram íntimos da pipa, da pelada, dos personagens do nosso folclore, suas artes, suas manhas. Não com a tentativa de caracterizar ainda mais a vida de gueto, a condição de estrangeiros. Nessa prática houve sempre a determinação de, ao tornar o Brasil tocável para essas crianças, universalizar sua visão de mundo e frisar a riqueza da experiência de cada um.

Janeiro de 78. O Saci Pererê agrupava seis crianças e começava suas atividades na casa de um dos animadores. Programa: fazer um saci, o negrinho de uma perna só, com massa de biscoito. Folclore polvilhado com açúcar e digerido na brincadeira gostosa.

Março de 79. O Saci cresceu e agrupa cerca de 30 crianças, com idades variando de três a nove anos. A experiência cresceu e o saci que as crianças desenham hoje não usa mais cachecol ou luvas. Passamos pela fogueira de São

João, pelo Pastoril, pela matinê de carnaval, pela Iara, pelo boitatá, pela bola de gude. E falamos em português. Essa, uma grande conquista. Um lugar, um tempo, onde as crianças usam a língua materna para transar o seu mundo.

Mas não existimos enquanto realidade estática. Nesse pouco mais de um ano de atividades fomos crescendo e nos modificando a partir da própria dinâmica da época em que vivemos. Muitos de nós, adultos e crianças, voltaram ao Brasil. Mas muitos chegaram, se incorporando. A própria proposta inicial, a partir de “refugiados políticos”, sofreu uma reformulação e hoje somos um grupo de exilados pelos mais diversos motivos. Brasileiros que escolheram viver no exterior ou brasileiros obrigados a viver no exterior.

78/79 e não crescemos tanto quanto o necessário, pela total falta de apoio financeiro. Da casa de um dos animadores, o máximo que conseguimos evoluir em termos de sede, foi ocupar oficialmente uma sala na Maison du Brésil, na Cité Universitaire. Para a sobrevivência contamos apenas com a ajuda mensal que cada pai dá, de acordo com suas possibilidades. Mas o balanço desse mais de um ano de atividades nos faz seguir em frente, conscientes da importância de cada tarde de sábado na vida de cada um de nós, adultos e crianças, que fazemos Saci.

O material que mandamos para vocês, pela comemoração do Dia Internacional da Criança, tem as já características falhas provocadas pela urgência, ou pela dificuldade de remessa, ou pela distância, enfim. Mas tenta ser uma pequena mostra do que andamos fazendo, de que andamos brincando.

Um beijo

Glória Araújo Ferreira, Marinho Celestino, Marisa Celestino, Naruna Andrade, Rui Fratti, Rute Queiroz, Sandra Regina Silva, Vera Sílvia Araújo Magalhães e Maria Helena Guinle

Como citar:

FERREIRA, Glória Araújo; CELESTINO, Marinho; CELESTINO, Marisa; ANDRADE, Naruna; FRATTI, Rui; QUEIROZ, Rute; SILVA, Sandra Regina; MAGALHÃES, Vera Sílvia Araújo; GUINLE, Maria Helena. Saci Pererê. *Arte & Ensaios*, Rio de Janeiro, PPGAV-UFRJ, v. 27, n. 42, p. 29-36, jul.-dez. 2021. ISSN-2448-3338. DOI: <https://doi.org/10.37235/ae.n42.4>. Disponível em: <http://revistas.ufrj.br/index.php/ae>.









